

Ó chefe, tem lume?

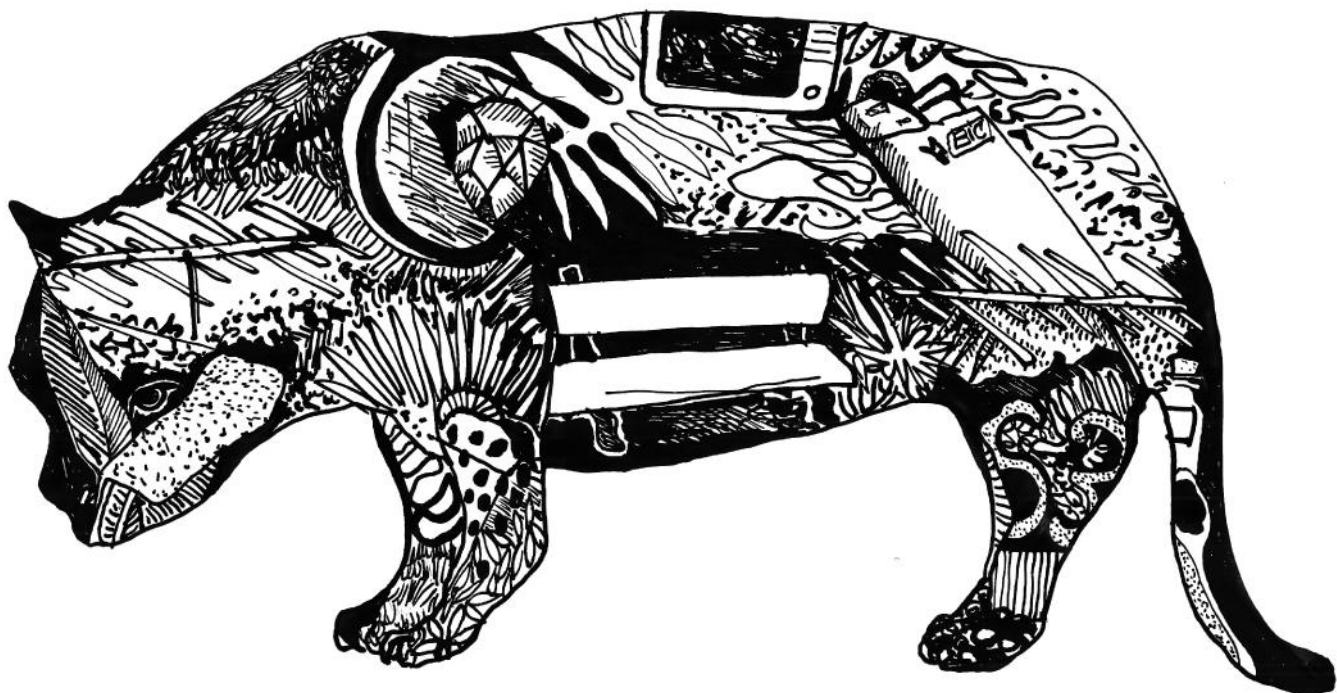
Quero dormir, não quero acordar.

Eu, em acordando de manhã, estou bem.

Todas as pessoas sofrem de maneiras diferentes, umas sofrem de uma maneira, outras sofrem de outra. Umas têm família a mais, outras não têm família, e o Capricórnio tem os seus predicados. Fui à escola primária, secundária, aos escuteiros. Andei com o meu pai a montar antenas de televisão, a passar pelos sótãos das casas dos outros, a ver as coisas mirabolantes que as pessoas guardam nos sótãos. Ricos e pobres ligados pelas antenas, ligados pela força maior de ter uma televisão na sala de estar. E nós de sótão em sótão, com as antenas que captam os programas que vão dar ao serão. Comecei a trabalhar aos 14, aos 16. Na Cidade do Cabo lapidei diamantes. Brilhantes. Muito próximos de mim através da lupa, mas iam para longe, apanhavam o avião para a Bélgica. Andei nas minas de carvão das Astúrias. Em Barcelona não havia trabalho nos estaleiros, era boato, e voltei a pé e à boleia. O meu cunhado não me pagou na agricultura, fui servir às mesas na cidade. As obras são para os pretos e para quem as apanhar. Quando não há, não há para ninguém. Saí de casa dos meus pais aos 16, fui para a rua. Não sou arruaceiro, sou ruaceiro, andei sempre na rua atrás da minha rebeldia, na rua, a dormir nos bancos de jardim. E em camaratas, barracas, atrás do expediente, biscate. Não há trabalho. Cidadão invisível: dez anos na rua e ninguém me viu, quinze anos na rua e ninguém me viu. Quando saí da rua para os centros de apoio fui batizado pela burocracia e tive um número. A burocracia é a minha madrinha, nunca me visita e sempre me quer perto. Se eu não comparecer à hora de chamada, acaba-se o apoio, e se falta o dinheiro, tem que se abdicar de um vício: o café ou o tabaco.

Quando tentei fazer o futuro, não consegui.

O futuro andava a monte, foi agarrado. Tinha um cinturão de fogo de artifício atado à anca e um isqueiro na mão. Foi detido e limpo dos artifícios. Recebeu ordem de extradição. Chegou e foi metido num tanque. Antes, descascou-se a ferrugem e deu-se uma aguada de cimento no interior do tanque para o futuro não entrar em contacto com o presente. Depois, um futuro foi distribuído por toda a gente boca aberta, às colheradas, como se fosse óleo de fígado de bacalhau.



Nuno Milagre com Humberto Tavares, João Gonçalves, Paulo Pinheiro, Israel Vieira, José Carlos, Luís Carlos, Sérgio Edgar, Fátima, Orlando Henriques e Graça Costa no Centro de Apoio Social de São Bento. Ilustração de Bárbara Assis Pacheco.